

## LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA – RELATO DE CASO

Suélen Dalegrave<sup>1</sup>; João Pedro Grassi de Araujo<sup>2</sup>; Maurício Orlando Wilnsen<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Residência em Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Toledo, PR.

<sup>2</sup>Residência em Clínica, Cirurgia e Reprodução de Animais de Produção, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Toledo, PR.

<sup>3</sup>Doutor, Professor do eixo de Medicina Veterinária Preventiva do Curso de Medicina Veterinária, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Toledo, PR.

DOI: 10.47094/ICONRES.2021/7

### RESUMO

A Leishmaniose visceral canina é uma zoonose endêmica no Brasil e possui grande importância no que diz respeito à saúde pública. É causada pelo protozoário do gênero *Leishmania spp.* cujo período de incubação pode variar de três meses a vários anos, mesmo quando as manifestações clínicas variam conforme a resposta imunológica do hospedeiro. O diagnóstico clínico é realizado combinando testes patológicos, sorológicos e moleculares. Foi atendido um cão, 3 anos, raça buldogue francês com histórico recorrente de dificuldade respiratória, onicogribose, alopecia, hiperqueratose, dermatite descamativa em diversos locais do corpo lesões em região membros pélvicos, torácicos e plano labial. O exame ELISA confirmou o diagnóstico de Leishmaniose Visceral Canina. Diante da gravidade das lesões e estado clínico, foi optado pela eutanásia do animal.

**PALAVRAS-CHAVES:** Diagnóstico; Doença infecciosa; Protozoário.

**ÁREA TEMÁTICA:** Medicina veterinária

### INTRODUÇÃO

A leishmaniose é uma doença infecciosa transmitida por um protozoário do gênero *Leishmania spp.* No Brasil, os flebotomíneos causadores dessa enfermidade pertencem basicamente a duas espécies *Lutzomyia longipalpis* e *Lutzomyia cruzi*. Esses vetores são conhecidos popularmente como mosquito palha e se reproduzem em matéria orgânica em decomposição (LIMA & GRISOTTIB, 2018). A doença é uma das principais zoonoses do país (SILVA et al., 2017). O diagnóstico ocorre pela realização de teste rápido, sorologia, imunohistoquímica, identificação do parasita em exame

histopatológico, métodos de Reação em cadeia da polimerase (PCR) e observação direta da forma amastigota do protozoário pela análise de esfregaço uma vez que, o paciente apresenta sinais inespecíficos ou até mesmo assintomáticos (ROCHA et al., 2020). O tratamento pode ser considerado, contudo, irá depender do quadro clínico que o paciente se apresenta (BRASIL, 2012) O presente trabalho tem como objetivo, relatar um caso de leishmaniose visceral em um cão.

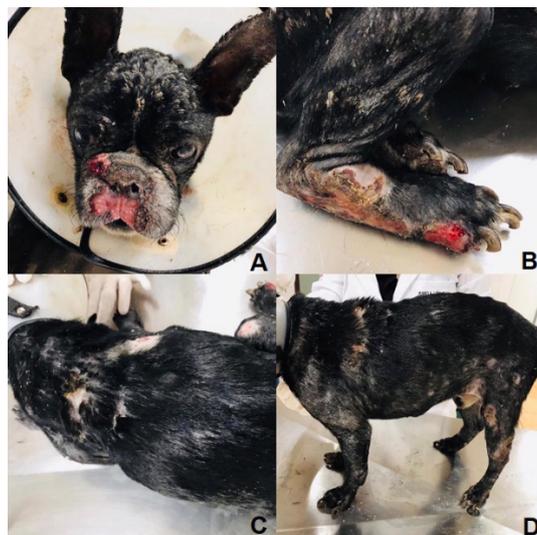
## METODOLOGIA

Foi atendido na clínica veterinária da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus Toledo-PR, um cão, macho, da raça Bulldog Francês, com três anos de idade, pesando 8,2 kg. A queixa principal do tutor se baseava nas lesões crostosas em pele há mais de 11 meses. As lesões apresentavam ainda, eritema e hiperqueratose, localizadas principalmente em região de face e membros. A pele apresentava aspecto descamativo principalmente em região axilar e de virilha, além de membros anteriores e posteriores, além de alopecia em região que circundava as lesões. O tutor relatou também dificuldade respiratória com produção de secreção purulenta pelas narinas.

O animal já havia sido consultado por profissionais, onde o diagnóstico suposto era de dermatofitose, com infecção bacteriana secundária e hemoparasitose. O cão foi submetido a dois meses atrás, a diferentes tipos de tratamentos medicamentosos a base de antibioticoterapia, antianêmicos, corticóide e imunossupressor, sem resultado satisfatório. O paciente estava com o protocolo de vacinas éticas e vermifugação em dia. A tutor relatou que o animal se alimentava com ração seca e comida caseira. O animal não tinha acesso à rua ou contactantes e tomava banho em casa. A cão apresentava normorexia, normodipsia, normoquesia e normúria.

No exame clínico geral, o animal estava alerta e apresentava dificuldade respiratória, ativo, mucosas normocoradas, desidratação de 5-6%, TPC de 2 segundos, linfonodos submandibulares, pré-escapulares e poplíteo estavam reativos, frequência cardíaca de 92 bpm, frequência respiratória de 30 mpm e temperatura retal de 38,7°C. Não foram identificadas alterações na palpação abdominal. Foi observado que o animal apresentava onicogribose (Figura 1B), alopecia, hiperqueratose, dermatite descamativa em diversos locais do corpo, lesões crostosas e ulcerativas em região membros pélvicos, torácicos e plano labial (Figura 1A, C e D). Suspeitando-se de leishmaniose visceral canina e hemoparasitose.

Figura 1: Cão, macho, da raça buldogue francês, três anos de idade. A- Lesões ulcerativas e crostosas em face; B- Onicogribose com unhas já aparadas pela tutora e lesão crostosa ulcerativa em membro esquerdo; C e D- Alopecia e lesões descamativas generalizadas



Fonte: Arquivo pessoal Suélen Dalegrave.

O resultado do hemograma, apontou anemia normocítica normocrômica, leucopenia com desvio à esquerda e trombocitopenia. Nos exames bioquímicos hipoalbuminemia e hiperproteinemia. Foram solicitados raspados de pele para pesquisa de ácaros, cultura fúngica, RIFI para *Ehrlichia canis* e *Babesia* spp os quais evidenciaram resultados negativos. O exame imunocromatográfico, ELISA confirmou o diagnóstico de Leishmaniose Visceral Canina. Foi sugerido exame sorológico para leishmaniose, porém, tutora não aceitou. Após foi indicado, o tratamento com antimoniato de meglumina na dose de 2mg/kg/dia, durante 45 dias, alopurinol 10 mg/kg/BID durante 90 dias e coleira repelente. Diante da gravidade do quadro, a tutora optou pela eutanásia realizada com propofol e cloreto de potássio 19,1% dose ao efeito.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os cães acometidos por leishmaniose muitas vezes podem ser assintomáticos. Alguns achados permitiram identificar alterações sistêmicas como hepatomegalia, esplenomegalia, epistaxe, secreção nasal e ocular, febre, emagrecimento progressivo, poliúria e polidipsia, diarreia, onicogribose e lesões dermatológicas (FREIRE & MORAES, 2019). O paciente em questão apresentou dificuldade respiratória, onicogribose, alopecia, hiperqueratose, dermatite descamativa em diversos locais do corpo, lesões crostosas e ulcerativas em região membros pélvicos, torácicos e plano labial.

O perfil hematológico de anemia normocítica normocrômica, leucopenia ou leucocitose e trombocitopenia, são achados frequentes em pacientes com a doença, causados pela consequência

do sequestro de hemácias do baço, eritropoiese diminuída devido a supressão da medula óssea, deficiência nutricional ou hemorragias (FONSECA JÚNIOR, et al. 2021). No avaliações bioquímicas a hiperproteinemia com hipoalbuminemia, observados no caso, podem ser normalmente encontrados pela fração reduzida de albumina/globulina, outras enzimas que podem estar aumentadas são aminotransferase (ALT), Fosfatase alcalina (FA) e Gama-glutamilttransferase (GGT) (GODOY et al., 2017).

O diagnóstico do animal foi realizado pelo método de imunocromatográfico ELISA. Contudo, pode ser realizado também pelos sinais clínicos quando presentes, teste rápido, sorologia, imunohistoquímica, identificação do parasita em exame histopatológico, métodos de Reação em cadeia da polimerase (PCR) e a análise do esfregaço pela observação direta da forma amastigota do protozoário (ROCHA et al., 2020).

O tratamento proposto para o caso em questão foi de antimoniato de meglumina na dose de 2 mg/kg/dia durante 45 dias que foi aceito em nota Técnica nº 11/2016, assinada pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) vem sendo empregada (BRASIL, 2016), juntamente com outros medicamentos coadjuvantes como o alopurinol 10 mg/kg/BID durante 90 dias (FONSECA JÚNIOR, et al. 2021). Os animais que não podem receber tratamento devem ser submetidos à eutanásia com base na Resolução nº 1000 do CFMV, utilizando anestesia e medicamentos adequados (BRASIL, 2012). A prevenção e profilaxia de ambientes ainda é considerada a melhor opção para controlar a zoonose. Atualmente, existem coleiras e inseticidas tópicos na forma de spray a base de permetrina usadas como repelentes, além da utilização de protocolos vacinais que auxiliam a prevenção da doença (MATIAS et al., 2020).

## CONCLUSÃO

A leishmaniose visceral canina possui grande importância no âmbito da saúde pública e animal, por se tratar de uma zoonose. O conhecimento do agente etiológico, sinais clínicos, exames, afim de garantir eficácia no diagnóstico e conseqüentemente determinar uma conduta adequada para cada caso, sendo a melhor forma de se combater a doença é através de ações que propõem o controle do vetor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Federal de Medicina Veterinária. **Resolução nº 1000**, de 11 de maio de 2012. Dispõe sobre procedimentos e métodos de eutanásia em animais e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União de 17 de maio de 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Nota Técnica N° 11/2016/CPV/DFIP/SDA/GM/MAPA**, 2016.

FREIRE, C.G.V. & MORAES, M.E. Cinomose canina: aspectos relacionados ao diagnóstico, tratamento e vacinação. **Pubvet**. v.13, n.2, a263, p.1-8, 2019.

FONSECA JÚNIOR, José Duarte da; MAZZINGHY, Cristiane Lopes; FRANÇA, Erycka Carolina; PINOW, Ana Clara Silva & ALMEIDA, Katyane de Sousa. Leishmaniose visceral canina: revisão. **Pubvet**, v. 15, n. 3, p. 1-8, 2021.

GODOY, K.C.S., ANTUNES, T.R., BRAZ, P.H., ASSIS, A.R, OLIVEIRA, G.G., SILVEIRA, A.W., SILVA, M. P. & SOUZA, A. I. Comportamento dos marcadores bioquímicos de injúria hepática nos cães com leishmaniose visceral. **Pubvet**, v. 11, n. 7, p. 670-675, 2017.

LIMA, C.C. & GRISOTTIB, M. Relação humano-animal e leishmaniose: repercussões no cotidiano de indivíduos inseridos em região endêmica. **Saúde Sociedade**, v. 27, n. 4, p. 1261-1269, 2018.

MATIAS, Erica Pereira; SANTOS, Fernanda Fonseca; GUIMARÃES, Juliana Plácido & CHUCRI, Thaís Martins. EFEITOS ADVERSOS DA VACINA LEISH-TEC® EM CÃES SORONEGATIVOS PARA LEISHMANIOSE VISCERAL. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 6, n. 7, p. 53019-53028, 2020.

ROCHA, S.T.F., SHIOSI, R.K. & FREITAS, A.B.M. Leishmaniose visceral canina – Revisão de literatura. **Revista científica de medicina veterinária**, n.34, 2020.